

CINEMA DE ARTE

Promoção do CINE CLUBE TIROL

Acervo Digital

O ANJO EXTERMINADOR
(El Anjo Erterminador)

LUIS BUÑUEL

Poti: 5.^a feira, às 15,30 e 20 horas

6.^a feira, às 15,30 e 20 horas

O ANJO EXTERMINADOR (El Angel Exterminador)

México, 1962, 24.º filme dirigido por Luis Buñuel. Roteiro de Luis Buñuel e Luis Alcoriza, baseado em "Los Naufragos de la Calle de la Providencia", de José Pergamin. Fotografia: Gabriel Figueroa. Cenografia: Jesus Bracho. Música: Kaul Lavista, usando trechos de Beethoven, Chopin, cantos gregorianos, Paradisi e Scralatti. Montagem: Carlos Savage. Elenco: Silvia Pinal, Augusto Benedico, Jacqueline Andere, Luis Beristain, Antonio Bravo, Claudio Brook, César del Campo, Rosa Elena Gurgel, Lucy Gallardo, Tito Junco, Enrique Alvarez, Javier Loya e outros.

RESUMO DA FILMOGRAFIA DE BUNUEL

Nasceu na Espanha, em 1900, filho de pais católicos. Foi cineclubista, conviveu com Lorca e com Salvador Dalí, com quem fez o primeiro filme surrealista, UN CHIEN ANDALOU. Outros filmes: 1.ª fase, francesa e espanhola: L'AGE D'OR e LAS HURDES (Terra Sem Pão). 2.ª fase, mexicana: LOS OLVIDADOS (1950), EL (O Alucinado, 1952), ROBINSON CRUSOE (As Aventuras de Robinson Crusoe, 1953) e ENSAYO DE UN CRIMEN (1955), entre outros. 3.ª fase, atual: NAZARIN (1959), A ADOLESCENTE (1960), VIRIDIANA (1961), O ANJO EXTERMINADOR (1962), DIÁRIO DE UMA CAMAREIRA (1963), SIMÃO DO DESERTO (1965) e A BELA DA TARDE (1967).

O ANJO EXTERMINADOR CRÍTICA

(...) Reatando assim com o surrealismo, Luis Buñuel dá-nos não apenas um conto fantástico espantosamente preciso e rigoroso (...) mas ainda um filme-testamento, onde encontramos todos os seus temas e todas as suas obsessões, tudo o que faz a originalidade de um pensamento e de um pessimismo ardente e devastador.

Como em "Viridiana", Buñuel testemunha aqui a mesma desconfiança diante do homem, a mesma ausência de ilusões diante do animal humano. Que os mendigos sejam substituídos por gente bem só faz tornar a lição mais exemplar. Saído de suas regras e de suas leis, de uma disciplina de civilização e de movimentos e reflexos que ela forjou, o homem não passa de um animal vicioso, que se perde em suas loucuras.

Creio que seria um pouco simplista reduzir El Angel Exterminador a uma crítica social ou a um simples anticlericalismo. Claro, essa crítica social existe e é de uma agressividade

de avassaladora: mas o essencial está além: essas duas críticas, esses dois ataques, são apenas a consequência de uma dupla recusa de Buñuel: recusa do cristianismo e de toda metafísica; recusa de um otimismo humanista que se substitui a esse cristianismo. Não há deus, mas essa ausência de deus não justifica a deificação do homem.

É tudo um caso de lucidez. É preciso saber olhar. E Buñuel olha, de fato, suas personagens como o faria o Anjo Exterminador, sem desprezo, sem ódio, sem piedade, com uma curiosidade fria e aterrorizante.

Esses homens e essas mulheres, reunidos sob o olho de Buñuel, um pouco como insetos num recipiente de laboratório, vão, então, ser observados clinicamente. Todos os filmes de Buñuel são, aliás, filmes sobre o compartimento. Aqui, esse comportamento degrada-se pouco a pouco, até que o homem, renunciando aos últimos freios da civilização, volta ao crime ritual, ao holocausto, retornando assim ao seu passado a encontrar seus primeiros mitos.

El Exterminador é, assim, antes de tudo, a estória de um grupo de seres humanos que certas condições dadas despojam progressivamente de todo o verniz, de toda a superestrutura devidos a sua camada social, reduzindo-os a sua imagem real, a seu verdadeiro estôfo. Em resumo, é um filme que nos reconduz, brutalmente, ao que se esconde atrás das aparências.

Buñuel condena inteiramente essas aparências? Não tenho certeza. A personagem mais sólida do filme é justamente um homem que se apegava à idéia básica de que a atitude faz o sentimento, e que um certo respeito próprio, uma certa preocupação de dignidade é ainda o melancor de escapar ao abismo humano. Há algo de aristocrata em Buñuel, como em todos os revolucionários ativos. Sente-se nele um nojo pela desordem, pela feiura, e uma fascinação por essa feiura e essa desordem. Sente-se uma espécie de fascinação, angustiada e desesperada, pela condição humana.

Mas, se deixamos de lado as intenções mais ou menos confessadas há muito a dizer e as falsas pistas abundam), encontraremos uma narrativa simples e direta, de uma prodigiosa eloquência. Eloquência dos objetos, como sempre em Buñuel. Humor negro. Crueldade no limite do sadismo. Invenções espantosas. Liberdade e insolência de tom. E no meio desse rebuliço, uma câmera que desliza ao longo das personagens, espia-as, acaricia-as, roça-as suaevmente, impiedosamente. Como um peixe num aquário. A acurada observação de uma vida larvar.

Depois, quando tudo entrou em ordem, quando o encanto é rompido, o desequilíbrio apagado, vem a demonstração final, a última pirueta e a partida para outros abismos. Nada disto é contado. El Angel Exterminador é um filme de segredos (...) Pierre Marcabru.

RESUMO DO ARGUMENTO

Por Georges Sadoul

(...) As fachadas sociais desmoronam enquanto as maquiagens desfazem-se e as gravatas brancas se sujam. No salão, transformado em Jangada da Medusa, esses naufragos de boa sociedade só têm diante deles três armários que se abrem por trás de um retábulo religioso. Num, uma urna chinesa serve para satisfazer as necessidades naturais. O outro transforma-se num quarto de amor, e o último numa sepultura de família quando a morte aparece

A sede foi, primeiro, a pior tortura. Um homem de iniciativa arreventou um lambri, depois uma parede para atingir e furar um cano de água... Satisfeita a sede, foi a fome que atormentou as belas mulheres elegantes, os milionários, os homens bem nascidos, os poetas laureados... Um grande urso pardo ronda nas outras partes da mansão, fora do alcance dos esfaimados. Repentinamente, entram no salão três cordeiros balindo. São degolados, esfolados e assados, usando-se violoncelos, transformados em lenha...

A sujeira, o fedor, a agrura, a cólera instalam-se no salão. Sabe-se, na cidade, que essas personalidades estão prisioneiras. O povo, os bombeiros, a polícia, cercam a casa, mas ninguém é capaz de entrar nela...

Para se libertar, os prisioneiros tentaram em vão as fórmulas mágicas, a maçonaria, a religião ou a psicanálise. E, depois de um ou dois meses, alguém, retomando a conversa onde ficara na primeira noite, diz simplesmente: "Estamos um pouco cansados e por isso pedimos licença para nos retirar"... "Pela descoberta desta fórmula talvez mágica, o inesperado acontece" e cada uma volta para sua casa.

Essas pessoas eram tão piedosas quando bem pensantes. Cumprem uma promessa solene feita durante a reclusão: assistir a um Te Deum cantado por sua libertação. Toda a grafagem da cidade está lá, não há mais um só lugar na igreja barrôca espanhola. O padre oficia, a missa termina... Depois, nenhum dos fiéis pode (tampouco) deixar a catedral. Uma nova reclusão começa. Estouram conflitos nas ruas. E enquanto içam na torre da catedral a bandeira amarela das epidemias, um rebanho de carneiros invade de repente o portico para abastecer os reclusos. O filme termina aí...

TEXTO DO PROGRAMA DE CANNES

El Angel Exterminador é uma metáfora. Suas imagens, como as de um sonho, não refletem a realidade. Criam-na. Têm uma lógica própria, cujo segredo não pode ser achado baseando-se na realidade tangível. Por esse motivo, não é um filme simbólico tendo um valor de referência. Como a esfinge, Buñuel nos propõe um enigma. Através desse enigma, um realizador resume sua obra de mais de trinta anos. Este filme não é, portanto, um simples ensaio, mas o produto de sua maturidade profissional. Mas é, ao mesmo tempo, cinema novo porque está animado pelo espírito de rebelião de um cineasta que encontra a verdade por intermédio do insólito, uma verdade que transcende as aparências.

OPINIÕES DE BUÑUEL

1. Sobre "O Anjo Exterminador": "Se o filme que vão ver parecer-lhes enigmático ou incongruente, a vida também o é. Como ela, ele é iterativo e sujeito igualmente a muitas interpretações. O autor declara que não quis valer-se de símbolos, pelo menos conscientemente. A melhor explicação para "O Anjo Exterminador" é, talvez, que, racionalmente, ele não tem nenhuma".

2. "... "Foi o surrealismo que me revelou que, na vida, há um sentido moral que o homem não pode deixar de adotar. Graças a ele descobri pela primeira vez que o homem não era livre". (1954).

3. Se uma obra é evidente, está acabada para mim. Não me interessa. É o mistério que me interessa. O mistério é o elemento essencial de toda obra de arte. Nunca deixarei de repetir isso". (1961, entrevista à Revista da Universidade do México).

4. "Quando eu morrer espero que queimem tudo o que fiz. Tenho os mesmos sentimentos do Marquês de Sade. Quero que me queimem e que me lancem aos quatro ventos. Quero desaparecer completamente, sem deixar vestígios". (1960, entrevista a Sight and Sound).

5. Da entrevista, em 1961, à Revista da Universidade do México:

— Que é a moral para o senhor?

— A moral burguesa é, para mim, a imoral, contra a qual devo lutar. A moral fundada sobre nossas tão injustas instituições sociais, como a religião, a pátria, a família, a cultura; enfim, aquilo que se chama "os pilares da sociedade". Não tenho a pretensão de querer transformar o mundo. Minha moral é...

— A do Nazarin que fracassa? O Nazarin que nada pode contra a Igreja? O Nazarin que anda pelos campos seguido por duas mulheres histéricas

— Sim, êsse Nazarin...

— Mas por que? Cristo...

— Cristo foi crucificado depois de ter sido condenado. Não considera isso um fracasso? Acredita que é possível ser cristão no sentido absoluto da palavra?

— Sim, despojando-se de tudo, afastando-se do mundo.

— Não! Não! Falo do mundo, desta terra onde vivemos agora. Se Cristo voltasse, êles tornariam a crucificar. Pode-se ser relativamente cristão, mas o ser absolutamente puro, inocente, está condenado ao fracasso, está derrotado antes de começar. Estou convencido de que o cristão neste mundo tão mal feito não tem outro caminho, a não ser o da rebelião.

Walter
da Silveira